



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

## IDENTIDADE DOCENTE NA ERA DO LETRAMENTO DIGITAL: ASPECTOS TÉCNICOS, ÉTICOS E ESTÉTICOS

Antonio Carlos Xavier<sup>1</sup>

(Nehte/UFPE)

### RESUMO

Este ensaio discute a nova identidade do professor (de linguagem) diante das diferentes habilidades que os aprendizes adquirem com as novas tecnologias. O docente precisa utilizar o potencial pedagógico das novas tecnologias computacionais a fim de aumentar a capacidade de aprendizagem dos alunos. Além de inovadora, a prática docente deve ser prudente, ética e estética buscando, dessa maneira, formar o aprendiz em sua totalidade.

**Palavras-chave:** Docente, linguagem, tecnologia e aprendizagem.

### ABSTRACT

This essay discuss about the new teacher's identity in front of different abilities acquired by learns with new technologies nowadays. Teachers need use the pedagogical power from the new technologies to improve the capacity to learn students. The teacher's practice must be prudent, ethical and aesthetical to make learner's formation completely.

**Key-words:** Teacher, language, technology and learning.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é discutir qual deve ser o novo perfil do educador, em especial o professor de linguagem, em face às inovações tecnológicas contemporâneas e à crescente aquisição do letramento digital por seus alunos. Busca-se ainda discutir quais os efeitos das novas tecnologias nas formas de aprendizagem de linguagem pelo aluno e como deve incrementar o professor sua prática pedagógica utilizando tais tecnologias a seu favor.

A avaliação constante da própria prática é um imperativo fundamental para o exercício profissional eficiente em todos os setores da sociedade. O sociólogo inglês Antony Guiddens (1990) alerta-nos para a necessidade de adotarmos o que ele chamou de "monitoramento reflexivo da ação" nas diversas ações sociais e práticas profissionais

---

<sup>1</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, coordenador do Nehte (Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação) e presidente da Abehte (Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação – biênio 2007-2009).



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

em que nos engajamos. Precisamos realizar um constante exame de nosso desempenho social e profissional à luz das novas informações recebidas sobre essas mesmas práticas que podem alterar essencialmente seu caráter e fluxo de continuidade.

As inovações tecnológicas caminham a passos largos e se espalham por todas as atividades profissionais. No setor da saúde, por exemplo, um estudante de medicina, depois de seis anos de estudos universitários, conclui que precisa reaprender uma série de conteúdos e procedimentos médicos que foram surgindo ao longo de sua formação, tornando obsoletos muito dos conhecimentos que havia adquirido.

Na informática, a cada 18 meses os *chips* têm sua capacidade de processamento de informação duplicada, conforme prognosticou Gordon Moore em 1968. A consequência direta dessa duplicação de processamento do *chip* é o aumento da criação de novos equipamentos digitais pela indústria da computação com conexão cada vez mais veloz.

Entramos na terceira geração de aparelhos celulares, a chamada 3G, que permite acesso à internet em alta velocidade, entre outras ações comunicativas e de entretenimento. Num mesmo aparelho, é possível ao usuário realizar diversas ações algumas até simultaneamente tais como: assistir a programas de TV, ouvir música em formato digital, sintonizar rádios convencionais ou *webrádios*, gravar voz e vídeo, fotografar, visualizar a foto, exibir o vídeo, ler um livro digitalizado, localizar-se por GPS etc. Isto é a chamada convergência de mídias.

Sem dúvida um dos domínios profissionais mais afetados por todo esse célere desenvolvimento tecnológico é a educação. Ela é uma das áreas de atuação que mais podem se beneficiar de tanta inovação. Sendo assim, as instituições de ensino estão sendo levadas a repensar suas ações e projetos pedagógicos, bem como a reconstruir suas estruturas físicas e a renovarem suas ferramentas educacionais e modalidades de ensino, incluindo o ensino a distância via Internet, em razão das pressões que vêm recebendo do mercado e principalmente de seus usuários mais assíduos, os jovens alunos. Eles têm chegado aos espaços escolares ávidos por encontros mais dinâmicos, participativos e instigadores de sua inteligência em rápido desenvolvimento. Por isso, exigem direta ou indiretamente uma escola mais interativa e adequada tecnologicamente às novas necessidades sociais e cognitivas dos aprendizes.

Por isso, a educação, que é um dos setores estratégicos da sociedade, deve refletir – e já vem fazendo e pondo em prática algumas mudanças – sobre como e em que proporção tais mudanças sócio-técnicas vêm atingindo a prática pedagógica dos docentes. Em meio a essa reflexão, parece bastante pertinente questionar qual tem sido e qual deve ser a identidade do professor no atual contexto de avanços tecnológicos inegáveis e inevitáveis.



## 1. SUJEITOS E IDENTIDADES

Tendo como foco o professor de linguagem, questionamo-nos se é possível esse profissional manter uma identidade pessoal e profissional fixas independentemente dos contextos históricos nos quais ele está inserido. Stuart Hall (2006), ao mapear a história do sujeito moderno, afirma que há uma *conceituação mutante* para sujeito, que flutuou por toda a modernidade até chegar à chamada Modernidade Tardia ou Pós-Modernidade tal como têm chamado alguns estudiosos. Seriam três os principais conceitos de sujeito que foram se modificando nos últimos cinco séculos. Hall afirma que o primeiro conceito de sujeito foi construído pelo filósofo francês René Descartes (1596- 1650). Refocalizando o *dualismo*, que divide o ser em “mente” e “matéria”, ele defendia que as coisas deveriam ser explicadas por uma redução aos seus elementos essenciais irreduzíveis. No centro da mente, ele colocava o sujeito individual, capaz de pensar e racionar ponderadamente. Por isso, o sujeito seria um “indivíduo soberano”, senhor de si, da razão e da prática. Esse ser pensante e consciente situava-se no centro do conhecimento e reinava sobre o universo, conforme Descartes. Por isso fora chamado de “sujeito cartesiano”, cujas palavras de ordem eram “*cogito, ergo sum*”.

No entanto, essa concepção de sujeito passou a ser questionada pelos estudos sociológicos, pela psicanálise de Freud, bem como pelo estruturalismo lingüístico de Saussure. Esses questionamentos provocaram o que Hall chama de “descentramento do sujeito”. Com o desenvolvimento do Capitalismo, os estudos sociológicos e históricos passaram a criticar o individualismo do sujeito racional cartesiano, contextualizando o indivíduo nos processos sociais de grupo e nas regras coletivas como subjacentes e inescapáveis a todo contrato entre os sujeitos individuais. O sujeito teria sido aprisionado à maquinaria capitalista e à burocracia do Estado.

Por outro lado, a descoberta e exploração do inconsciente por Sigmund Freud (1856-1939) acentuou esse descentramento mostrando que o sujeito nem sempre sabe o que faz nem tem controle total sobre o que diz, pois ele é descentrado pelo próprio inconsciente. Sua subjetividade seria produto de processos psíquicos. Para Freud, a identidade, a sexualidade e a estrutura dos desejos humanos são formadas nos processos simbólicos do inconsciente que transcendem a lógica proposta por Descartes. Assim, para a Psicanálise, a identidade é formada paulatinamente por processos inconscientes e não algo inato, pronto que existe na consciência no momento do nascimento do sujeito. A identidade seria formada ao longo das vivências do indivíduo, preenchida a partir do exterior e da forma como ele imagina ser visto pelos outros.

O estruturalismo de Ferdinand Saussure (1957-1913) também teria provocado esse descentramento do sujeito, conforme a leitura de Hall. Para o lingüista suíço, os sujeitos não são os ‘autores’ das afirmações que fazem; antes se posicionam no interior das regras da língua e do sistema de significados das culturas em que estão imersos. Saussure defendia que a língua seria um sistema social e não individual, preexistindo ao sujeito.

Em tese, o conceito de sujeito flutuou entre aquele indivíduo que agiria com autonomia total sobre suas ações e intenções e aquele que seria controlado pelos processos do próprio inconsciente, pelas regras do sistema lingüístico e



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

pelos estruturas da organização social nas quais está inserido e às quais deve obediência. Defendemos neste trabalho que todo sujeito opera com a liberdade limitada pelas circunstâncias sócio-filosóficas, político-econômicas e histórico-culturais em que se encontra. Fazemos eco com Michel de Certeau (1999) que postula a existência de um sujeito astuto, isto é, não um consumidor passivo do que o mundo lhe impõe, nem dotado de plena liberdade para fazer o que bem entender; antes ele é um usuário que atua dentro de um certo espaço de liberdade no interior do sistema social, histórico, psicológico e lingüístico em que se encontra. Vale-se de táticas e artimanhas para traçar trajetórias surpreendentes diante das determinações e regras a cumprir. Trata-se de um sujeito com vontade controlada e ações ponderadas para cada ocasião.

## 1. 2. IDENTIDADE DOCENTE: TEORIA E PRÁTICA

O conceito de sujeito contemporâneo que advogamos vale certamente para os profissionais da educação, pois só se faz docência com prudência quando o sujeito educador assume para si a responsabilidade de desencadear aprendizagens pessoais relevantes e socialmente responsáveis.

Destacando o caráter mutante e atualizável da identidade docente, Nóvoa (1997, 34) afirma que esta identidade profissional do professor não é um produto acabado nem um dado adquirido, mas "é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão." Ela está sempre se renovando diante dos novos contextos sócio-técnicos em que estão inseridos. Sendo assim, o professor deve estar em constante revisão dos significados de sua prática a fim de reconfigurá-la de acordo com as demandas do presente e necessidades futuras.

Por sua condição privilegiada de ator e co-autor dos processos pedagógicos juntamente com o aprendiz, o professor deve re-alinhar sua identidade profissional a todo instante. Neste exato momento da história, o contexto social, político e tecnológico parece-lhe exigir um reposicionamento teórico-metodológico que inclua atitudes e práticas inovadoras, sem perder de vista o compromisso com a ética e com a estética de suas ações na esfera profissional.

## 1.3. IDENTIDADE DOCENTE: INOVAÇÃO

A respeito de o professor assumir uma identidade inovadora sendo desafiado pelas mudanças sócio-técnicas do momento atual, Veiga (2006) sugere a adoção de uma **docência inovadora** que pressupõe uma ruptura com a forma conservadora de ensinar o conteúdo, expor o tema da aula e avaliar a apropriação do conhecimento pelo aprendiz. A docência inovadora, diz o autor, clama por uma reconfiguração de prioridades e saberes para superar dicotomias como a que há entre ciência e senso comum, teoria e prática e educação e trabalho.



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

Acrescentaríamos a essa lista da docência inovadora a busca ininterrupta do professor por alternativas teórico-metodológicas que aglutinem teoria e prática. Sabemos que essa relação não tem sido bem compreendida e muito menos harmonizada, já que ambos os conceitos vêm sendo tratados quase sempre como processos dissociados e polares. É preciso lembrar que a teoria também é uma forma de ação e a prática não é depósito de teoria.

A teoria deve ser elaborada e trabalhada sempre em função e a partir do conhecimento das necessidades emergentes e da realidade iminente dos indivíduos. Por isso, a perícia do profissional de educação passa tanto pelo domínio de saberes, estratégias e técnicas específicas e eficazes, quanto por uma percepção integral das urgências reais da situação. Operando assim, será possível fazer da prática o ponto de partida e de chegada para a formulação teórica.

## 2. PROFESSOR (D)E LINGUAGEM

Toda inovação se caracteriza por apresentar dimensões utópica e emancipatória. Com a inovação docente não seria diferente. Nesta perspectiva, o professor das disciplinas diversas precisa encarnar sua vocação de **articulador** dos processos educacionais inovadores em seu espaço de atuação e aproveitar positivamente sua posição de grande **fomentador** de utopias e regimes de emancipação nos aprendizes com os quais lida cotidianamente.

Em certo sentido, todos os docentes são professores de linguagem, pois cada um em sua especificidade trabalha com códigos, ensina símbolos e senhas que dão ao aprendiz acesso ao universo de conhecimentos concernentes à disciplina que leciona. Todas elas têm uma linguagem própria e um conjunto de conceitos que devem ser compreendidos em seu contexto e significação específicos. A palavra 'matéria', por exemplo, não tem a mesma conceituação em Física do que tem em Medicina ou em Comunicação Social. Da mesma forma, o enunciado "João faz análise" será compreendido de modo diferente se for dito por um professor de português, que pensará logo em análise sintática ou lingüística; pelo químico, o mesmo enunciado poderá ser entendido como reagentes químicos e coisas do gênero; já se ele for pronunciado por um psicanalista que trate de João, o sentido se voltará para o campo da psicanálise como terapia psicológica.

Inegavelmente as palavras mudam de significado quando adotadas pelas diferentes teorias científicas e setores de atividade profissionais, sendo o docente um mediador destes conceitos e significados quando os aplicam em suas aulas. Contudo, de modo particular, são os professores de língua materna e estrangeira e suas respectivas literaturas que se ocupam com a linguagem verbal de uma maneira específica. São eles os especialistas responsáveis por dissecar a língua, dividi-la e recompô-la, a fim de fazer o aluno entender como e por que ela funciona para viabilizar a comunicação e socialização humanas.

Salientemos que, para efetuar bem esse tão privilegiado propósito, pede-se que o saber docente seja eclético e sincrético, isto é, não basta apenas conhecer com profundidade os segredos da língua e da literatura que ministra.



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

Pesa sobre seus ombros, de um lado, a tarefa de apontar as conexões entre língua e cultura, língua e sociedade, língua e política, língua e ideologia, língua e psicanálise, língua e ciência, língua e trabalho, língua e poder, etnia, cidadania. De outro lado, cabe-lhe reatar todas essas conexões de modo que a língua e as demais dimensões supracitadas tenham justificativas convincentes para serem estudadas seja por acadêmicos e intelectuais, seja por admiradores anônimos e pessoas simples.

Por isso, o professor de linguagem deve saber de tudo um pouco, pois sendo ele o articulador das várias disciplinas, conhecimentos diversos lhe serão fundamentais. Também por ele passam todos os profissionais, seus textos, seus discursos orais e performances oratórias. Se bem sucedidos, os méritos são todos individualizados, sendo os insucessos culpa da escola e quase sempre dos seus professores que não lhes ensinaram o suficiente em um mundo ultra-competitivo. Muitos poucos são os profissionais bem sucedidos que reconhecem a contribuição direta de seus mestres para a obtenção do sucesso na carreira e até na vida pessoal.

Assim, na construção ininterrupta de seus saberes, o docente deve adotar ações orientadas para diferentes objetivos, tais como: a) emocionais ligados à motivação do aprendiz e à própria, haja vista a baixa valorização salarial e a falta de prestígio na sociedade; b) cognitivos vinculados à aprendizagem do aluno; e c) sociais relacionados à disciplina e gestão da turma;

### 3. ÉTICA DOCENTE PARA UMA SOCIEDADE DECENTE

Como já dissemos, o professor é o profissional que está na proa das profissões, pois ele é por razão de ofício e princípio constitutivo formador de massa crítica e criativa, além de fomentador de caráter nos indivíduos sobre os quais exerce forte ingerência em sua conduta moral. Exatamente por esse motivo, o docente decente tem que se preocupar com os valores éticos e morais que transmitem direta ou indiretamente aos aprendizes, pois eles os interpretam e os absorvem como válidos e os adotam em sua vida.

Atitudes espelhadas são detectáveis facilmente em indivíduos em formação que vêm na figura dos pais e professores modelos intelectuais e comportamentais a serem seguidos. Se seus ídolos fracassam eticamente, transparece para ele a cultura do vale tudo, segundo a qual “o importante é se dar bem na vida a qualquer preço”. Esses são fatores também responsáveis por tornar as relações sociais verdadeiras barbáries, quando da ausência de valores e princípios que norteiem ações e atitudes dos indivíduos em formação.

Sabe-se que a palavra ética deriva de duas outras palavras gregas: *éthos* que designa o “caráter de alguém” e *ethos* que significa “o conjunto de costumes instituídos por uma sociedade para formar, regular e controlar a conduta de seus membros”. Ético é o docente que não apenas o é na essência, em seu íntimo, mas aquele que se comporta e se mostra eticamente às pessoas de seu convívio. Ele passa a ser tomado como uma espécie de referencial de conduta,



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

reserva moral, digno de ser admirado e imitado pelos demais atores sociais. Seu *ethos* se constata no falar temperado, no gesticular comunicativo e didático, no vestir-se adequadamente à situação, no dispor-se a atender pacientemente o aluno, no conciliar situações de conflito com sabedoria e prudência.

Em Platão, ética significava resumidamente *virtude*. Ético seria todo aquele que se preocupa com a felicidade do outro, sem interesses passageiros; aquele que leva uma vida não imediatista nem empírica, mas pensa no que é duradouro, estável, essencial e racional.

Já Aristóteles considerava a virtude não como teoria ou conhecimento, mas como exercício, domínio das paixões por meio da razão. Ele dividia a virtude em duas categorias: as *virtudes intelectuais* e as *virtudes morais*. A primeira consiste no próprio exercício da razão e por isso é chamada *intelectiva* ou racional (*dianoética*); a outra consiste no domínio da razão sobre os impulsos sensíveis, determina os bons costumes (*ethos = mos*) e por isso se chama *virtude moral (ética)* (Abbagnano, 1999, p.175). Aristóteles dizia que as virtudes intelectuais deveriam ser ensinadas, pois elas são resultados da experiência e do tempo, enquanto que as virtudes morais deveriam ser exercitadas, já que elas são adquiridas como resultado do hábito.

Ao docente cabe desenvolver e apresentar as duas virtudes (intelectuais e morais), haja vista sua dupla função de ensinar e praticar o bem, preservar o *êthos*, ou seja, as regras e normas que regem uma sociedade, e, ao mesmo tempo, exercer o *ethos*, parecer ético na presença física, tom de voz e conteúdo do discurso. Todas essas características contribuem para a construção de uma boa imagem moral no seio da sociedade a qual pertence.

Portanto, o docente decente, além de revestir-se do *éthos* e do *êthos* projetado socialmente, precisa evitar a ética utilitarista, imediatista ou pragmaticista que consiste em repassar apressadamente informação sem uma reflexão revestida de atenção para a aplicação social da informação comunicada. Todo docente deve busca alcançar o exercício pleno da *ética humanitária*, cujos efeitos sociais transcenderão às exigências de capacitação para o mercado de trabalho e atingirão em cheio a instauração da cidadania e dos direitos humanos.

#### 4. ESTÉTICA NA DOCÊNCIA: LABOR COM SABOR

A palavra grega *aisthesis* quer significar percepção, sensação. Estética é hoje um campo da Filosofia que tem por objeto o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte. Mas na Grécia Antiga, a estética foi estudada ao lado da lógica e da ética. Adquiriu caráter de ciência independente depois da publicação da obra de Alexander Guttlieb Baugarten (1714-1762): *Aesthetica*. A Estética se transformou em Filosofia da Arte cujo objetivo é investigar o julgamento e a percepção do que poderia ser considerado belo, a emoção causada pelo efeito estético de uma obra de arte, e também as várias formas de arte e do trabalho artístico.



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

Platão tratava a estética dentro do que chamou de teoria do belo. Para ele, o belo era o bem, a verdade, a pura perfeição, por isso só poderia ser encontrado no mundo das idéias, isto é, num plano superior, fora do mundo físico. A arte se limitava a copiar imperfeitamente o belo, já que este transcendia ao homem.

Aristóteles, por sua vez, concebia a arte como uma invenção exclusivamente humana, sendo o belo um traço inerente ao homem. Diferentemente de Platão, Aristóteles acreditava que era possível ao homem alcançar a beleza estética, se obedecesse às regras da ordem, da simetria e da unidade.

Na Idade Média, Santo Agostinho (354-430) definiu a beleza como a harmonia do todo que deveria ser dotado de unidade, igualdade, proporção e ordem. A beleza do mundo seria, portanto, o reflexo da suprema beleza de Deus de onde tudo emana.

Ainda no Período Medieval, São Tomás de Aquino (1225-1274) identificava a beleza com a bondade ou o bem. Ela deveria assumir três características: perfeição, harmonia e luminosidade. A idéia de Aquino visava à identificação do bem e da verdade com o caráter divino.

As tecnologias esbanjam possibilidades de experiências estéticas interessantes. A riqueza de cores, luz e sons propiciada por programas computacionais sofisticados leva o usuário a viver sensações inéditas seja pelo uso solitário dele com a máquina, seja pelo uso da máquina para interagir com outras pessoas a distância. A confluência de linguagens verbais, visuais e auditivas na tela do computador viabiliza a experimentação de imagens e efeitos estéticos extraordinário. O docente inovador não os pode ignorar e muito menos furtar tais oportunidades aos alunos desejos por viver os impactos dessa confluência de signos.

## 5. IMPACTOS DA ERA DO LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

Por falar em experimentação, os aprendizes do presente têm atuado como “pequenos espões” que fuçam o computador *off-line* para descobrir como ele funciona e assim utilizar suas ferramentas de modo mais eficaz, bem como se conectam à Internet para mergulhar no oceano de dados lá disponível. Fascinados pelo novo e imenso conteúdo e pela forma como ele se apresenta, os pequenos espões bisbilhotam sem pudor as páginas da *web* alheias e criam espaços digitais próprios nos quais oferecem informações e retroalimentam o sistema da rede mundial de computadores.

Estamos no século do conhecimento que começa a também ser denominado “século da aprendizagem” em razão do potencial educacional que lhe é inerente. Observamos atualmente um deslocamento da escassez de acesso à informação para a imensidão de novos dados. O grande desafio que a escola começa a enfrentar é o de ensinar os aprendizes a interpretar, filtrar, selecionar, avaliar para transformar tantas informações em capital cultural que possa ser utilizado de modo prudente e decente, ético e estético dentro e fora da instituição de ensino.



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

A forma aberta, livre e democrática como tem atualmente circulado a informação na rede exige atenção e critérios bem definidos para o navegador analisar e julgar a relevância do conteúdo de certos documentos hospedados na *web* antes de aceitá-lo como bom, belo e ético. A mudança de contexto trazida pela tecnologia sugere que a escola se prepare e apresente estratégias pedagógicas de enfrentamento a essa nova realidade. Assim, de acordo com Brunner (2000), os sistemas de educação de vários países desenvolvidos já começaram a adotando duas estratégias destinadas a se adaptar às mudanças de contexto provocadas pelas inovações técnico-digitais. São elas:

1. Uma formação continuada para todos ao longo da vida chamada em inglês de *life long learning for all*, auxiliada por uma institucionalização em redes; e
2. A adoção da modalidade de educação a distância via *web* com ênfase na auto-aprendizagem tutoriada com fins de aquisição da autoria pelo aprendiz;

Quanto à formação continuada para toda a vida, podemos dizer que se trata de uma mudança de modelo de educação, além de uma estratégia que visa aumentar o tempo e a cobertura da educação na vida da criança, jovem e adulto. Assim sendo, a escola precisa abandonar o modelo *instrutivista* de educação (XAVIER, 2007) caracterizado por ser centrado no professor (mestre-provedor de informação), ensino estático, trabalho individual, aprendizado pré-determinado. As instituições escolares precisam assumir o modelo *(re)construcionista*, cujas características são: centrado no aprendiz, ensino dinâmico, trabalho coletivo e aprendizado individualizado, focando as reais necessidades dos aprendizes e contemplando seus interesses mais imediatos sem prejuízo à sua formação humanística, lingüística e lógico-matemática entre outras.

No que se refere à *E-ducação*, os gestores das políticas públicas em nível federal brasileiro tem investido nos últimos dez anos massivamente nesta modalidade de ensino, tendo criado uma Secretaria Especial de Ensino a Distância (SEED). Esta secretaria ([www.seed.mec.gov.br](http://www.seed.mec.gov.br)), por sua vez, tem implementado diversos projetos de capacitação, entre eles, uma plataforma virtual de aprendizagem própria E-PROINFO ([www.e-proinfo.mec.gov.br](http://www.e-proinfo.mec.gov.br)) e um grande portal com várias opções para o professor que vão de revistas eletrônicas a objetos de aprendizagem virtuais para serem usados gratuitamente pelo professor pela internet.

O sistema de educação formulado no Século XIX que se pensava inabalável esbarrou na “força irresistível” das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Por isso, as instituições educacionais das sociedades contemporâneas têm procurado rever seus objetivos, projetos pedagógicos e ferramentas didáticas. No Brasil, por exemplo, já são 43 milhões de usuário conectados. Os internautas tupiniquins são campeões mundiais de navegação na grande rede, ficando a frente de países como EUA, França, Inglaterra e Alemanha.

A inevitável Era Digital chega sem cerimônias reformatando várias instituições sociais, em especial as que lidam com formação de pessoas e propõem modificações não apenas no aspecto técnico e intelectual, mas sobretudo nas esferas ética e moral. Com tantos recursos tecnológicos disponíveis atualmente, será bem mais vantajoso utilizá-los



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

para dar um tratamento estético em ferramentas pedagógicas simples transformando-as em objetos de aprendizagem agradáveis e atraentes.

## (IN)CONCLUSÃO

Como essa é uma reflexão ensaística, é preciso continuar e ampliar a discussão em torno da repercussão das tecnologias na prática pedagógica do professor, haja vista que ele não poderá mais ignorar a presença destes artefatos que reclamam seu uso. Por isso aprender a lidar com elas é um imperativo contemporâneo. É preciso que o docente seja inovador e aproveite a grande sedução que tais dispositivos exercem sobre os aprendizes, principalmente nos mais novos, alertando-os para seu potencial educativo e não meramente como objeto de lazer e entretenimento.

O docente inovador enxerga a latência pedagógica da tecnologia operando em favor da aprendizagem de seus alunos. Vê-la como aliada no grande projeto de contínua formação intelectual e humana das crianças, jovens e adolescentes que transitam por nossas salas de aula presenciais, mas que têm uma forte inclinação a adquirir conhecimentos também (e quem sabe principalmente) em ambientes virtuais.

Entretanto, só vale a pena utilizar os recursos tecnológicos sob quaisquer perspectivas se, ao lado da competência técnica, forem trabalhados valores éticos que estimulem os aprendizes a adotarem comportamentos e atitudes civis respeitadas para com os outros cidadãos. De que valerá tanta perícia tecnológica se não houver emancipação do espírito e da generosidade humanos? Priorizando este aspecto, ficará mais fácil deslanchar a criatividade que desembocará em produtos educativos bem elaborados e esteticamente sedutores.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia. Filosofia Escolástica.** A Querela dos Universos. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRUNNER, José Joaquim. *Educação no encontro com as novas tecnologias.* IN: TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez (Org.), 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1996.

FAZENDA, I. (Org.) **A Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.



2º Simpósio

# Hipertexto e Tecnologias na Educação

Multimodalidade e Ensino

NÓVOA, Antonio. Diz-me como ensinas e dir-te-ei quem és e vice-versa. IN:

VEIGA, I. P. A. Formação de professores e os programas especiais de complementação pedagógica. IN: CUNHA, M. I. (Org.) **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1999.

XAVIER, Antonio Carlos. **A Tecnologia e a aprendizagem (re)construcionista no século XXI**.

<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf> consultado em: 27 de julho de 2008.